



ENEIDA MARIA DE SOUZA em três anos de publicações

Letícia Malard¹

“O céu mede as ações, premeia e pune.
Rei nosso Eneias é, que a ninguém cede,
Pio e inteiro, valente e belicoso.”
(Públio Virgílio Maro, *Eneida*, Livro I, p. 35.

Trad. Manuel Odorico Mendes)

Aujourd'hui plus que jamais, le devoir de la gauche est de maintenir vivante la mémoire de toutes les causes perdues, de tous les rêves et de tous les espoirs d'émancipation, brisés et trahis. L'éthique que nous avons à l'esprit ici, à propos de cette tâche, est l'éthique de la Cause/Chose, l'éthique du Réel qui, ainsi que Lacan l'a souligné, “retourne toujours à sa place”.
(Slavoj Žižek, *For they know not what they do: enjoyment as a political factor*, p. 271.

Trad. Ronan de Calan e Raoul Moati)

EXPLICAÇÃO necessária

A proposta deste artigo sobre Eneida Maria de Souza é comentar textos seus publicados pela primeira vez entre 2010 e 2012. Um recorte muito pequeno se justifica pelo fato de minha intenção principal ser apresentar um panorama das questões as quais a ensaísta vem expondo atualmente em seus trabalhos. E ainda:

¹ Letícia Malard é professora da UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais.

testemunhar que, com o passar dos anos, Eneida prossegue ativa e produtiva, servindo de exemplo contrário para os que decidem interromper a corrida da vida muito antes da linha de chegada. Além de publicar e republicar, Eneida leciona, pesquisa, examina, faz palestras, participa de eventos no Brasil e no exterior, orienta trabalhos acadêmicos, presta assessorias, etc. Vive uma vida profissional realmente invejável!

Sabe-se que sua produção é extensa e variada, abrangendo décadas. Eu poderia resenhar apenas seu último livro – *Janelas indiscretas* (2011) – mas resenha de livro da Eneida já fiz em outra ocasião, e gostaria de redirecionar minha perspectiva agora.² Além do mais, o recorte escolhido vai servir para informar como o seu percurso de publicações nos três primeiros anos da década atual continua e/ou aprofunda alguns percursos anteriores, bem como para destacar suas renovações e inovações temáticas e teóricas na abordagem de objetos literários e culturais.

Vou limitar-me aos escritos individuais em livros, revistas e jornais – lembrando que, no período, a ensaísta publicou vários textos em coautoria, um deles comigo.³ Minha fonte da relação de publicações é seu *curriculum vitae* Lattes, atualizado em 6 de junho do corrente e acessado por mim a partir de uma semana depois.⁴ Peço ao leitor e à Eneida relevarem meus eventuais erros, repetições ou omissões. Justifico-os pelo fato de costumarmos dar títulos muito parecidos a diferentes escritos, publicá-los em mais de um veículo ou registrarmos publicações que, na coleta automática de dados do aplicativo Lattes, acabam aparecendo em diferentes abas daquela plataforma.

Para não sobrecarregar de notas de rodapé este meu modesto presente à amiga de longa data, textos de sua autoria serão registrados de forma completa apenas pela primeira publicação, nas Referências. A seguir vem a lista dos textos, arrolados pelo ano e pelo título, em ordem alfabética. Isso não significa que todos eles serão alvo de comentários, ainda mais porque não consegui acesso a alguns e não quis pedir ajuda à autora, para não tirar o caráter de surpresa desta

² Refiro-me à resenha de *A pedra mágica do discurso* (1988), intitulada “De volta ao herói sem caráter”. MALARD, L., 1990, p. 43.

³ Trata-se de SOUZA, E. M; MALARD, L. O modernismo, in: *Minas Gerais*, 2011, p. 228-245.

⁴ Cf. Eneida Maria de Souza. www.lattes.cnpq.br/0519304809107377.

homenagem.

LISTA dos textos

2010

- “A memória de Borges”.
- “Com açúcar e com afeto”.
- *Correspondência: Mário de Andrade & Henriqueta Lisboa*: Organização, introdução e notas.
- “Crítica biográfica, ainda”.
- “Crítica genética e crítica biográfica”.
- “Maria com Marcel”.
- “O amanuense e a crítica”.
- “O futuro do presente”.

2011

- “A crítica biográfica”.
- “Biografar é metaforizar o real”.
- “Cenas de uma morte plagiária”.
- “De animais e de literatura: Rosa, Kafka e Coetzee”.
- “De corpos e bonecos”.
- “O escritor vai ao Zoológico”.
- “Nava e a Medicina”.
- “O traço, a letra e a bossa”.
- “Rosa residual”.
- “Um escritor em tempos sombrios”.

2012

- “A modernidade residual do contemporâneo”.

- “Literatura comparada/indisciplina”.
- “O futurismo do presente”.

MEMORIALIDADE e autoficcionalização

Conforme já foi dito, várias das publicações de Eneida no período recortado dão prosseguimento a assuntos ou temas de publicações anteriores. É a demonstração de que a pesquisadora acredita no que faz, de que não costuma mudar de rota intempestivamente nem parar no meio do caminho sem justificativas; enfim, não é adepta de causas perdidas sem combatividade. Comporta-se dentro de uma “ética do real”, na medida em que o seu perfil emerge compromissado com uma contínua reconfiguração na arena de saberes. E, reconfigurando-os, seus textos abrem as portas dos leitores para o exercício de pensar junto com a ensaísta. É o que se verá.

Na monumental edição da correspondência entre Mário de Andrade e Henriqueta Lisboa – organizada, introduzida e anotada por Eneida – sua qualidade de pesquisadora empenhada e competente salta aos olhos, sobretudo pelas notas. Impressiona não só a grande quantidade destas – e não estou incluindo as de Lauro Palu, é claro – mas também sua precisão, objetividade, síntese e correção informativas. A meta é fornecer ao leitor, e sem cansá-lo com digressões, o maior número possível de dados para a compreensão e fruição das cartas e de outros materiais estampados na edição e, por consequência, os bastidores da criação dos escritores envolvidos. Eneida tem o *filling* e a melhor técnica em matéria de anotação de textos, dando-nos aí uma lição inestimável. A seu trabalho chamo “trilha de formiguinha”, porque paciente, minucioso, e feito com amor sobretudo porque o missivista Mário lhe é muito querido e foi objeto de sua tese de doutorado.

Em “A memória de Borges” a ensaísta acrescenta uma nova reflexão sobre o escritor argentino, enriquecendo as que já vinha fazendo desde o livro *O século de Borges* (1999; 2 ed., revista e ampliada, 2009). Instrumentando-se com Helft & Pauls, Ludmer e Santiago, e trazendo à cena os romances *Doutor Pasavento*, do espanhol Vila-Matas, e *L'enfant de sable*, do marroquino Jelloun, disserta sobre os legados, à literatura e à crítica literária contemporâneas, de Jorge Luis Borges – outro amor literário.

Um desses legados é a autonomia da literatura, ou seja, a literariedade enquanto “valor indiscutível” para a obra. Contudo, Eneida pergunta se, paralelamente, não seria também rentável a recepção da memória borgeana em outras coordenadas. Nestas incluem-se a cultura resumida e condensada das enciclopédias e seu saber pautado pela “racionalidade, o tédio e a erudição”, bem como o cultivo do resumo e da concisão, incorporado tanto na literatura de hoje quanto na publicidade. Afinal, Borges defende e põe em prática a alta e a “baixa” literatura em estreito diálogo, a relação íntima entre cultura popular e cultura erudita. Eneida conclui que, pela via dessas coordenadas, é possível valorizar a produção cultural e literária de comunidades/indivíduos das periferias nacionais e internacionais.

Outro legado borgeano se desdobra no contador de histórias cego, personagem de Jelloun, em que se bifurcam Argentina e Marrocos, a primeira enxertada no segundo, uma literatura latino-americana desterritorializada, abrindo brechas para a reflexão sobre a possibilidade (utópica?) de uma literatura/cultura sem fronteiras. As lições de Borges para a literatura contemporânea – metaficcional, mistura de documento, teoria e ficção – são dadas através do caráter irreverente de sua obra, que conta com um número enorme de seguidores nas mais diversas partes do mundo.

Já a crítica literária atual – continua Eneida – é herdeira da memória borgeana em suas polarizações: a crítica que opera instrumentais de consagração canônica, e aquela que ultrapassa o cânone, ao privilegiar produções culturais fora deste, bem como agenciar um discurso no entre-lugar da teoria e da ficção. “A memória de Borges” se constitui em uma leitura original do escritor, a qual articula esteticismo, não-estética e a imagem dele, repercutidos na literatura e na crítica literária.

Penso na possibilidade de se ter, ainda, uma repercussão de repercussão, isto é, a memória do autor de *O Aleph* ser preservada também a partir de textos não periféricos colonizados, mas do próprio centro colonizador. Lembra-me o cego assassino Jorge de Burgos, da biblioteca de *O nome da Rosa* (1980). Aí a memória borgeana ultrapassaria o presente, sua biblioteca repercutindo na “noite de mil anos”. Em outras palavras: pelos milhões de leitores que esse romance teve durante décadas em todo o mundo, por sua adaptação cinematográfica protagonizada por um ator também protagonista do agente 007, estou querendo dizer que a imagem do Borges de Umberto Eco pode estar sendo “memorizada”

também, numa espécie de terceirização. Além do mais, Eco me parece alavancar essa memorização terceirizada (sem entrar em seu mérito), ao explicar porque o seu Borges medievalista é perverso. Afirma o escritor italiano: “Acontece que os personagens são forçados a agir segundo as leis do mundo em que vivem. Ou seja, o narrador é prisioneiro de suas próprias premissas.”⁵

Em “Com açúcar e com afeto” encontramos novos passos da Eneida memorialista, pois os passos anteriores nessa área estão registrados em seu memorial de concurso para professora titular e em seu discurso de recepção do título de professora emérita, publicados em *Tempo de Pós-Crítica* (2007). Nas páginas de lembranças dos primeiros anos escolares, cujo título é inspirado em um verso musical de Chico Buarque, emerge a Eneida que procura explicar o seu presente de leituras obsessivas, de magistério e de pesquisas relativas à década de 1950, por sua vida passada – de menina poeta, teatróloga, recitadora e oradora da turma.

Sublinha a importância de, para a aquisição do hábito e do gosto da leitura, em especial de Monteiro Lobato, ter tido uma mãe professora. No artigo são evocados as primeiras mestras e colegas, episódios marcantes da política, da música e da modernização do país naquela década, as mortes de Eva Perón e de Carmen Miranda. Certamente o embrião dos escritos sobre Carmen foi a memória arcaica da Eneida dos seis anos de idade, quando viu a foto da cantora no caixão, maquiada e vestida de vermelho.

A foto de 1955 me leva a associar ideias com dois prefácios de Eneida: “De corpos e bonecos”, para a coletânea de ensaios *Inventário do corpo: recortes e rasuras*, organização de Fábio Figueiredo Camargo *et al.* – e “O traço, a letra e a bossa”, para o livro de Roniere Menezes sobre a escrita dos diplomatas e poetas João Cabral de Melo Neto, Vinicius de Moraes e Guimarães Rosa, resultado de tese orientada por Eneida.

O primeiro livro é um conjunto de textos sobre a metáfora do corpo performativamente inserida em diferentes linguagens e manifestações artísticas – assim o define Eneida. Para a menina que ficou eternamente marcada pela foto do corpo morto de Carmen Miranda, performatizado na morte apresentada totalmente

⁵ ECO, Umberto, 1985, p. 26-27.

fora dos padrões usuais da época, isto é, cadáver vestido de vermelho e maquiado, Carmen era/é uma colagem corpo/boneca, recorte, rasura, pastiche ou duplo. Cultuava-se a cantora e atriz portuguesa em trajes de baiana, com turbante sob tabuleiro de frutas e enfeitada de balangandãs – acessórios reduplicados nas fantasias de carnaval de então, inclusive das crianças. Eneida reteve na memória a cantora performática, que a menina certamente ouvia no rádio ou na eletrola, admirava no cinema e nas fotos, e que ia para a sepultura, descaracterizada e muda, vestindo um *tailleur* cor de sangue. Daquele “corpo em tela” sempre fantasiado, cheio de vida e música, restava a maquiagem exótica. Um corpo/boneca em divergência, que Eneida vai dar vida bem mais tarde, através da linguagem, nos escritos sobre aquele ícone da cultura popular nacional.⁶

No segundo prefácio, Eneida ressalta o caráter também popular e periférico de certo padrão de escrita dos diplomatas estudado por Menezes, o olhar deles para o homem comum embora sendo homens do Itamaraty. Os escritores-objeto da obra poderiam, *mutatis mutandis*, corresponder a uma metáfora cultural do Borges escritor e cosmopolita, sob o aspecto da escrita dividida entre o alto e o “baixo” e seus desdobramentos. Mas, ao ensaiar uma leitura de Carmen Miranda na vida de Eneida, estou resvalando perigosamente para o abismo polêmico da crítica biográfica, onde evito cair.

73

CRÍTICA GENÉTICA e crítica biográfica

Essa modalidade crítica se constitui em uma das preocupações de Eneida vindas de longe (lembro textos do livro *Crítica Cult*, de 2002), reiteradas ou ampliadas no período em recorte. E, se vou dar mais um passo à beira do abismo das biografias, ousa especular que a foto da Carmen morta entra subrepticamente no jogo do texto “Cenas de uma morte plagiária”, a propósito do suicídio de Stefan Zweig e sua mulher (1942), aí analisado num contexto de crítica biográfica, relacionando essa morte com a dos biografados pelo escritor austríaco – donde o adjetivo “plagiária” no título do ensaio. Diz Eneida:

“Tal gesto se justifica pela escolha de modelos e de personalidades que serão imitados

⁶ Refiro-me especificamente a “O tic-tac do meu coração” (2002) e “Carmen Miranda: do kitsch ao cult” (2004), republicados em SOUZA, E. M., *Janelas indiscretas*, p. 197-228.

tanto na vida quanto na obra, construindo-se, dessa maneira, vida/obra de segunda mão, assim como mortes plagiárias e paralelas. [...] Repetir o gesto do próprio biografado é se entronizar na galeria reservada não só aos escritores suicidas, mas também aos seres de exceção, ao *homo sacer*, no entender de Agamben.⁷

Essas aproximações trágicas entre biógrafo e biografados serão retomadas posteriormente por Benjamin Moser, ao dizer que “todas [essas figuras], sem exceção, resistiram à história e terminaram vitimados por ela. Suas trajetórias quando lidas à luz do que aconteceria a seu biógrafo, ganham um tom assustador de profecia.” (MOSER, 2014, p. 9).

Expandindo a interpretação de Michel Schneider para o suicídio de Stefan e Lotte – que o vê como um plágio do de Heinrich von Kleist – Eneida associa Zweig a Gonçalves Dias como poeta e nome da rua onde o casal suicida morava, em Petrópolis. Tanto Zweig quanto Dias sofrem pelo exílio da pátria. Outra morte que impressiona a ensaísta – agora no texto “A modernidade residual do contemporâneo” e articulada com a “morte do autor” e outras mortes na crítica literária atual – é a de Roland Barthes, atropelado e desfigurado. Ressalta a atualidade de Barthes, seu discurso crítico de vanguarda e na contramão de certa crítica universitária que privilegia o canônico e relega o experimental, crítica essa que pode ser lida a partir da expressão barthesiana “a retaguarda da vanguarda”.

74

Para Eneida, a biografia intelectual é “resultado de experiências do escritor não só no âmbito familiar e pessoal, mas na condensação entre privado e público. As datas recebem tratamento alegórico e a história pessoal se converte em ficção, pela intromissão do outro na narrativa.” (SOUZA, “A crítica biográfica”, p. 18).

E continua: a ficcionalização da história pessoal é decorrência da liberdade criativa que se deve conceder ao crítico, o qual, flexibilizado ante o sujeito biografado, não irá limitar-se à palavra do autor, mas ultrapassá-la. Assim, porque realidade e ficção na biografia não se encontram radicalmente em lados opostos, não cabe verificar se o fato narrado é verdadeiro ou não. Questionando a crítica biográfica do passado, afirma: “O próprio acontecimento vivido pelo autor – ou lembrado, imaginado – é incapaz de atingir o nível de escrita se não são processados o mínimo distanciamento e o máximo de invenção.” (SOUZA, “A crítica biográfica”, 2011, p. 21). Trata-se, portanto, de relações teóricas e

⁷ SOUZA, E. M. Cenas de uma morte plagiária, 2011, p. 59.

ficcionais entre a obra e a vida, visando a melhor entendimento e demonstração das leituras do crítico, no caminho do literário para o biográfico e deste para o alegórico.

A conclusão desses pressupostos é a autobiografia ser, para Eneida, autoficção, que conduz à desestabilização e ao deslocamento do referencial, num caminho inverso ao do pacto autobiográfico lejeuneano. Aqui Eneida evoca Louis Aragon, exemplifica com o Silviano Santiago de *O falso mentiroso* e *Histórias mal contadas*, concluindo com uma citação de Santiago sobre o paradoxo da verdade na ficção: “experiência vital humana metamorfoseada pela mentira que é a ficção.” (SOUZA, “A crítica biográfica”, 2011, p. 24)

Autobiografia e autoficção compõem o arcabouço de uma teoria preciosa para analisar textos em que verdade e mentira caminham juntas, misturadas e falsificadas, como é o caso já anunciado no cartão de visitas de *O falso mentiroso*: “Memórias” no subtítulo, foto verdadeira do autor criança na capa e, em vez de “narrativa”, está registrado “romance” na ficha catalográfica. Aliás, essa é uma tendência marcante da literatura do século 21, aqui e alhures. Exemplificando, evoco minhas leituras recentes: as autoficções “parciais” do norueguês Knausgård, e dos franceses Houellebecq e Carrère.⁸

Por outro lado, cuida-se para não se cair no extremo oposto, ou seja, que aquilo que um sujeito escreve sobre ele tanto pode ser verdade quanto ficção, que a escrita não *fake* de si mesmo é impossível e irreal – e Eneida não deve ficar sujeita a más interpretações, pensando-se que ela está afirmando, com outras palavras, a inexistência do real. Como o leitor costuma ter grande desejo de conhecer o Outro e interagir com ele, ao ler uma autobiografia anunciada como tal o leitor vai atrás, no mínimo, daquilo que esse Outro acredita ser a sua verdade, a verdade que virá de encontro ao desejo de quem lê conhecê-lo. O mesmo acontece em relação a narrativas de terceiros, ou seja, as biografias dessas vidas que se deseja conhecer.

Dáí eu não endossar a descartabilidade do famigerado pacto autobiográfico,

⁸ Cf. os romances *Min Camp I* (2009), do primeiro – traduzido no Brasil como *A morte do pai: minha luta 1* (2013) – e *La carte et le territoire*, do segundo, e *D'autres vies que la mienne*, do terceiro – ambos de 2012. Neles os romancistas se autoficcionam, superpondo-se fatos verdadeiros e fatos inventados.

antes de tudo um procedimento ético, acho. Tão ético que Santiago, podendo ter indicado o termo “narrativa” para a catalogação do seu livro, preferiu “romance”. A menos que, para classificá-lo de “romance”, tenha havido mais coisas entre a terra e o céu do que sonham nossas cuidadosas editorias.

Creio que o difícil nessa questão é separar os elementos reais dos ficcionais tidos como reais pelo narrador, sob pena de se inviabilizar qualquer relato de uma subjetividade que nos seja dado como verdadeiro. Em última instância, estaríamos lidando somente com causas perdidas: a História não passaria de estórias (lembrando Rosa, que vou abordar mais adiante), Anne Frank e o Holocausto seriam invenções iguais à Escola de Sagres e, o pior para minha subjetivação: revivi na leitura do “Com açúcar e com afeto” situações semelhantes vividas por Eneida, e acreditando piamente em sua realidade e lembranças. Será que, a bem da verdade, não seriam merecedoras de todo o crédito que lhes dei?

Nas articulações entre crítica genética e crítica biográfica, Eneida questiona a crítica que desconsidera o autor, reafirmando que tudo o que lhe pertence e está em seu entorno deve ser articulado com seu trabalho criativo. Demonstra como e porquê a crítica genética não pode limitar-se ao estudo do material, principalmente escrito, da obra em si: manuscritos, etapas transformativas, versões, etc. Esse material deve ser enriquecido com a coleta e análise do maior número possível de situações e objetos que giram ao redor da criação da obra, a fim de se dar conta não só do seu universo literário, mas também de suas condições de produção.

Assim, por exemplo, um simples bibelô enfeitando a estante do escritor e a recepção, por ele, de uma medalha, podem trazer iluminações inesperadas à crítica genética:

“Objetos muitas vezes triviais, mas pertencentes ao cotidiano de todo escritor, como canetas, agendas, porta-retratos, máquina de escrever, mesa de trabalho, objetos decorativos, cadernos de anotações, papéis soltos, recibos de compra, diários de viagem, relegados a segundo plano diante do valor documental dos livros e dos manuscritos, *adquirem vida própria e contribuem para a construção de peculiaridades das biografias.* (Grifo meu)⁹

Os textos de Eneida sobre a crítica genética e a biográfica são portadores da

⁹ SOUZA, E. M. “Crítica genética e crítica biográfica”, 2010, p. 26.

marca de pesquisadora e orientadora de pesquisas no Acervo de Escritores Mineiros da Universidade Federal de Minas Gerais – suas bibliotecas, arquivos e objetos pessoais – campo ideal para trabalhos práticos dessas modalidades críticas.

Falando em escritores mineiros, meu recorte se fecha mencionando dois deles, estudados por Eneida: Guimarães Rosa e Pedro Nava. Sobre o primeiro, escreveu ensaios relativos a Rosa quando no exercício de funções diplomáticas (e políticas) na Alemanha: – um ensaio na área da literatura comparada – “De animais e de literatura: Rosa, Kafka e Coetzee” – e três outros no campo da crítica genética e biográfica: “O escritor vai ao Zoológico”, “Rosa residual” e “Um escritor em tempos sombrios”. De Nava, sobre o qual publicou em 2004 o livro *Pedro Nava, o risco da memória*, agora focaliza a figura do médico escritor em “Pedro Nava e a Medicina”.

Os textos sobre Guimarães Rosa giram em torno de seu “Diário de guerra” – inédito, cuja cópia existe no mencionado Acervo de Escritores Mineiros – que teve edição preparada por Eneida, Reinaldo Marques e Georg Otte, mas a publicação foi vetada pela família do escritor, veto que a ensaísta refuta em “Rosa residual”. Esta acredita que a censura familiar esteja no descrédito em relatos autobiográficos onde a imagem do escritor poderia ser arranhada, e no desejo de preservação da sua intimidade. Abro parênteses: sabe-se que não é de hoje esse tipo de interdição da família de Rosa (e de outras personalidades biografáveis). No momento, a polêmica parece encaminhar-se para uma solução, com a interveniência do Supremo Tribunal Federal e do Congresso Nacional no rumoroso caso das biografias.

Voltando ao Diário censurado para publicação: em princípio, são anotações fragmentadas de Rosa sobre o período em que foi cônsul na Alemanha (1938 a 1942), bem como sobre suas visitas ao zoológico de Hamburgo. Eneida avalia que o inédito “é de extrema relevância para o estudo do período e para a obra do autor, dotado, ao mesmo tempo, de valor documental e de gênese literária.” (SOUZA, “Rosa residual”, 2011, p. 47). De acordo com seus pressupostos a respeito da crítica biográfica e genética, a ensaísta constrói a ponte necessária entre o homem Rosa observador / anotador no zoo e a presença do mundo animal em suas obras:

“É nesse ambiente no qual os animais se encontram deslocados de seu habitat, expostos à curiosidade alheia, que o escritor busca inspiração para continuar fabulando sua literatura, entregando-se ao convívio com esse espaço imaginário e atemporal para

transformá-lo em motivo e razão de suas estórias. Seria essa fuga para um ambiente no qual se produzia a montagem heterogênea de animais exóticos, verdadeira representação do poder colonialista europeu frente a colônias africanas, uma forma de conviver com o fora, com as margens da cidade, com o universo fabular atemporal e suspenso? Uma saída que propiciaria o encontro simulado com o sertão longínquo das Gerais, provocando conversas de bois, o voar dos pássaros, o olhar astuto dos macacos, a cumplicidade entre grunhidos e sons emitidos por suas personagens?”¹⁰

Mas não é só: em “Rosa residual” Eneida transmite ao leitor como se desenrolam as etapas de sua pesquisa sobre o Diário, seu confronto com documentos do Itamaraty a respeito da atuação de Rosa na legação alemã, sobre a recriação, em textos literários, de episódios vividos profissionalmente por ele – como o caso do andarilho expatriado José Oswaldo – enfim: revela todo um universo precioso para a construção de sua crítica literária biográfica.

Quando Eneida afirma que “Cabe ao crítico, graças ao apelo ao documental e ao voo da imaginação, inventar biografias e ficcionalizar lugares visitados tanto por ele quanto pelo escritor” (SOUZA, E. M. “Rosa residual”, 2011, p. 52), entendo que ela também está marcando a diferença fundamental entre o trabalho do historiador e o do crítico literário. O primeiro considera as fontes como matéria-prima do seu trabalho, devendo analisá-las e interpretá-las com o máximo de distanciamento e o maior grau de fidelidade possível. Já o segundo, descompromissado com as fontes – pois a matéria-prima do seu ofício é o ficcional, o inventor de histórias – pode dar-se ao belo luxo da criatividade e da invenção ao reescrever a vida e as obras das pessoas – luxo vetado ao historiador. A menos que este último, nos termos de um pensamento ultraconservador, pretenda decretar para sempre o fim da História, em sua mais ampla acepção. A propósito, uma citação de Jacques Le Goff, um dos maiores historiadores da contemporaneidade:

“Devo acrescentar que tenho muitas vezes prazer em ler – quando são benfeitos e escritos – os romances históricos e que reconheço aos seus autores a liberdade de fantasia que lhes é devida. Mas naturalmente que, se pedirem a minha opinião de historiador, não identifico com história as liberdades aí tomadas.”¹¹

Não é o caso de Eneida. Ela não tem a mínima intenção de decretar o fim da

¹⁰ SOUZA, E. M. “Rosa residual”, 2011, p. 53.

¹¹ GOFF, Jacques Le, 1992, p. 50.

História. Ela é portadora de uma ética do real e uma ética do ficcional, cada um em seu lugar. E, sendo uma estrela no céu de nossos estudos literários, não confunde o sol com a lua.

Belo Horizonte, julho de 2014.

REFERÊNCIAS

CARRÈRE, Emmanuel. *D'autres vies que la mienne*. Saint Amand (Cher): P.O.L., 2012.

ECO, Umberto. *Pós-escrito a O nome da rosa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985. 66 p.

GOFF, Jacques Le. *História e memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

HOUELLEBECQ, Michel. *La carte et le territoire*. Paris: Éditions J'ai Lu, 2012.

KNAUSGÅRD, Karl Ove. *A morte do pai: minha luta 1*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

MALARD, Letícia. **De volta ao herói sem caráter**. *Leia*, São Paulo, v. 9, n. 35, p. 43, 1990.

MALARD, Letícia, SOUZA, Eneida Maria de. **O modernismo**. In: STARLING, Heloísa Maria Murgel; CARDIA, Gringo; ALMEIDA, Sandra Regina Goulart; MARTINS, Bruno Viveiros (Org.). *Minas Gerais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 228-245.

MARO, Públio Virgílio. *Eneida*. Trad. Manoel Odorico Mendes. EbooksBrasil. Disponível em www.ebooksbrasil.org/adobeebook/eneida.pdf. Acesso em 27 de junho de 2014.

MARQUES, Reinaldo Martiniano; OTTE, Georg; SOUZA, Eneida Maria de (Org). **“João Guimarães Rosa: Diário de guerra”: estabelecimento do texto, notas explicativas, introdução e tradução de expressões e de textos em alemão retirados da imprensa e colados no “Diário”**. Inédito.

MOSER, Benjamin. **Uma história à luz do crepúsculo: Stefan Zweig além de seu suicídio**. Trad. Francesca Angiolillo. *Folha de S. Paulo*: Ilustríssima, São Paulo, 22 de junho de 2014, p. 8-9.

SANTIAGO, Silviano. *O falso mentiroso: memórias*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2004. 222 p.

SOUZA, Eneida Maria de. **A crítica biográfica**. In: _____. *Janelas indiscretas: ensaios de crítica biográfica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 17-25.

SOUZA, Eneida Maria de. **A crítica biográfica, ainda**. *Cadernos de Estudos Culturais*, v. 2, p. 51-57, 2010.

SOUZA, Eneida Maria de. **A memória de Borges**. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, Belo Horizonte, v. 20 n. 2, p. 27-35, mai.-ago. 2010.

SOUZA, Eneida Maria de. **A modernidade residual do contemporâneo**. In: CAPELA, Carlos Eduardo Schmidt; REALES, Liliana (Org.). *Arquivos de passagens, paisagens*. Florianópolis: EDUFSC, 2012, p. 27-30.

SOUZA, Eneida Maria de. **A pedra mágica do discurso**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1988. 136 p.

SOUZA, Eneida Maria de. **A pedra mágica do discurso**. 2 ed. revista e ampliada. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999. 233 p.

SOUZA, Eneida Maria de. **Biografar é metaforizar o real**. In: *Janelas indiscretas: ensaios de crítica biográfica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 53-62.

SOUZA, Eneida Maria de. **Cenas de uma morte plagiária**. *Brasil* (Porto Alegre), v. 2, p. 4-13, 2011.

SOUZA, Eneida Maria de. **Cenas de uma morte plagiária**. In: SOUZA, Eneida Maria de; LaGUARDIA, Adelaine; MARTINS, Anderson Bastos (Org.). *Figurações do íntimo: ensaios*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013. p. 55-63.

SOUZA, Eneida Maria de. **Com açúcar e com afeto**. In: NUNES, Maria Therezinha, TEIXEIRA, Maria das Graças, GARCIA, Maria Mello, ANDRADE, Therezinha (Org). *Ecos do passado – memórias da infância e da escola no século XX*. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 2010. p. 44-48.

SOUZA, Eneida Maria de. **Correspondência: Mário de Andrade & Henriqueta Lisboa**. (Organização, introdução e notas). São Paulo: Editora Peirópolis : Edusp, 2010. 397 p.

SOUZA, Eneida Maria de. **Crítica biográfica e gênese textual**. In: *I Congresso Internacional de Estudos Filológicos/VI Seminário de Estudos Filológicos, 2012, Salvador. Filologia, Críticas e processos de criação*. Salvador: Appris, 2012. v. 1., p. 299-307.

SOUZA, Eneida Maria de. **Crítica Cult**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. 177 p.

SOUZA, Eneida Maria de. **Crítica genética e crítica biográfica**. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 45, n. 4, p. 25-29, out./dez. 2010.

SOUZA, Eneida Maria de. *Curriculum vitae*. Disponível em www.lattes.cnpq.br/0519304809107377. Acesso em 13 de junho de 2014.

SOUZA, Eneida Maria de. **De animais e de literatura: Rosa, Kafka e Coetzee**. *Aletria: Revista de Estudos Literários*, Belo Horizonte, v. 21 n.3, p. 83-90, 2011.

SOUZA, Eneida Maria de. **De corpos e bonecos**. In: CAMARGO, Fábio Figueiredo; PAGANINI, Luiz Antônio; PASSOS, Vinicius Lopes (Org.). *Inventário do corpo: recortes e rasuras*. Belo Horizonte: Editora Veredas & Cenários, 2011.

SOUZA, Eneida Maria de. **Janelas indiscretas: ensaios de crítica biográfica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. 261 p.

SOUZA, Eneida Maria de. **Literatura Comparada/indisciplina**. In: SCRAMIM, Susana (Org.). *O contemporâneo na crítica literária*. São Paulo: Editora Iluminuras, 2012, p. 35-42.

SOUZA, Eneida Maria de. **Maria com Marcel**. Belo Horizonte, 2010.

SOUZA, Eneida Maria de. **O escritor vai ao Zoológico**. In: MACIEL, Maria Esther. (Org.). *Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica*. Florianópolis: Editora UFSC, 2011, p. 245-253.

SOUZA, Eneida Maria de. **O futurismo do presente**. In: ____ ; TOLENTINO, Eliana da Conceição; MARTINS, Anderson Bastos (Org.). *O futuro do presente*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012, p. 29-39.

SOUZA, Eneida Maria de. **O futuro do presente**. In: VERANO, Paulo. (Org.). *O livro do ano – 2009 – Barsa*. São Paulo: BARSAS, 2010, p. 276-279.

SOUZA, Eneida Maria de. **O século de Borges**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 1999. 133 p.

SOUZA, Eneida Maria de. **O século de Borges**. 2 ed. revista e ampliada. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2009. 111 p.

SOUZA, Eneida Maria de. **O traço, a letra e a bossa**. In: MENEZES, Roniere. *O traço, a letra e a bossa: literatura e diplomacia em Cabral, Rosa e Vinicius*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

SOUZA, Eneida Maria de. **Pedro Nava e a medicina**. In: STARLING, Heloisa Maria Murgel; GERMANO, Lígia Beatriz de Paula; MARQUES, Rita de Cássia. *Medicina – história em exame*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 218-220.

SOUZA, Eneida Maria de. **Pedro Nava, o risco da memória**. Juiz de Fora: Funalfa Edições, 2004. 136 p.

SOUZA, Eneida Maria de. **Rosa residual**. In: MIRANDA, Wander Melo; SOUZA, Eneida Maria de (Org.). *Crítica e Coleção*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 58-69.

SOUZA, Eneida Maria de. *Tempo de pós-crítica*. Belo Horizonte, Editora Veredas & Cenários, 2007. 168 p.

SOUZA, Eneida Maria de. **Um escritor em tempos sombrios**. In: HOLANDA, Sílvio Augusto de Oliveira (Org.). *Imagens, arquivo e ficção em Guimarães Rosa*. Curitiba: Editora CRV, 2011, p. 111-119.

ŽIŽEK, Slavoj. *For they know not what they do: enjoyment as a political factor*. London: Ed. Verso, 1991. 288 p.

